



Nasceu em 28 de Julho de 1925, na cidade do Porto, mas de pais trasmontanos: o médico-escritor João de Araújo Correia, natural de Canelas do Douro, e Dona Maria da Luz de Matos Silva, natural de Poiares, de cujo matrimónio houve ainda mais cinco filhos: Maria da Soledade, Rosa, Maria Emília, João Maria e Maria Virgínia.

Desde muito novo vem residir para a Régua, onde inicia os estudos e completa o primeiro ciclo do liceu. Prossegue os estudos no Liceu de Lamego e depois no de Vila Real, onde termina o curso liceal. Feito o exame de aptidão, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Coimbra, onde concluiu a sua formatura em 5 de Dezembro de 1953.

Durante a sua permanência em Coimbra, Camilo de Araújo Correia viveu na república Palácio da Loucura, na Alta. Foram seus companheiros de república, entre outros, Augusto Camacho, célebre cantor e autor de fados de Coimbra, e Herberto Helder, que viria a afirmar-se como figura cimeira da poesia portuguesa. Foi nesse ambiente que despertou o seu gosto pela literatura, que exercitou através da colaboração nos jornais académicos Briosos, Pagode e Via Latina.

A sua vida seria porém consagrada antes de tudo à medicina, só se dedicando à escrita nas horas que aquela lhe deixa livres, repetindo o que acontecia com seu Pai. “Quis o destino que viesse também a escrever histórias em tempo sobrado de ver doentes”, escreve ele algures. Foi durante muitos anos





anestesista nos Hospitais da Régua e Lamego, tendo neste último chegado a Chefe de Serviço. Exerceu clínica até 1990, ano em que optou pela dedicação exclusiva hospitalar.

Mobilizado para prestar serviço militar em Moçambique, em 1961, exerceu funções de anestesista do Hospital Militar 338, destinado a Porto Amélia, de que veio a ser director, merecendo um louvor do General Comandante da Região Militar de Moçambique pelos seus serviços médico-sociais e relacionamento com outras unidades lá aquarteladas. Ainda em Moçambique desenvolveu forte actividade de dinamização cultural.

Embora Camilo de Araújo Correia, como vimos, tenha começado a escrever e a publicar artigos na imprensa académica coimbrã relativamente cedo, pelos anos 50 do século passado, só bastante tarde publicou o primeiro livro. Trata-se de Elogio do Dr. António da Fonseca Almeida (1987), um opúsculo de carácter biográfico relativo a um colega de profissão.

A escrita de Camilo de Araújo Correia reflecte de maneira consistente as suas vivências pessoais, que constituem por assim dizer a sua primeira fonte de inspiração.

Vejamos:

Uma das suas paixões de sempre foi viajar, podendo-se dizer que conhece meio mundo (grande parte da Europa, Médio Oriente, África, Estados Unidos, Brasil...). Do que vê e sente nos lugares que visita deixa-nos as suas impressões no Livro de Andanças (saído em primeira edição em 1991 e em segunda edição em 2003).

A sua experiência do ambiente estudantil de Coimbra está vertida em dois livros de evocações, Coimbra minha (1989) e Coimbra outra vez (1998).



A sua vida profissional de médico anestesista deu azo a um opúsculo delicioso, intitulado Quarenta anos de gás – 1955-1995 (1999). Em boa verdade, quer nas suas crónicas, quer nos seus contos, é constante a utilização de material arrancado à sua vida clínica.

Contista de grande mérito, capaz de fazer um conto de um qualquer fait-divers passado à sua frente ou no seu consultório. Publicou, no género, Histórias na palma da mão (1987) e Histórias do fim do ano (2001). Médicos, doentes e outras gentes (1996) é um pouco um híbrido de conto e crónica, como são os dois livros que dedica a Coimbra e bem assim muitas das crónicas.

Mas, se há que fazer uma distinção, diremos que é sobretudo como cronista que cativa os seus leitores assíduos e fiéis. Desde a fundação em 1978 de O Arrais, semanário reguense, que nele vem publicando saborosas crónicas, a propósito de tudo e mais alguma coisa: o espectáculo social, as reviravoltas da política, o vasculhar na arca da memória. Camilo de Araújo Correia reúne em si muitas das qualidades essenciais ao cultivador do género: cultura geral vasta, bom conhecimento do mundo, memória, elegância, bonomia, atenção ao que se passa em volta, capacidade de interpretar os sinais dos tempos, capacidade de síntese, bom senso, bom gosto e muito humor.

Consequentemente, as suas crónicas são geralmente amenas e muitas vezes repassadas de humor, que chega a ser mordaz. O livro Crónicas do meu vagar (2005) colige largas dezenas de textos do género.

Camilo de Araújo Correia publicou ainda Na rota do sal (conferência, 1992), No centenário do nascimento de João de Araújo Correia (conferência, 2000), Porta com porta. Medicina e literatura (conferência, 2001) e A prisão de cristal (teatro, 2003). No seu conjunto é uma obra valiosa, que nos deixa a impressão de que o podia ser ainda mais, assim o Autor se tivesse podido dedicar a tempo inteiro à escrita.

Terminamos com uma citação que nos parece especialmente oportuna:  
“Camilo de Araújo Correia é escritor fino, feito no convívio com seu Pai, o





saudoso João de Araújo Correia, de quem herdou a veia. Mas nada mais redutor do que aplicar aqui aquele detestável anécdotico ‘Filho de peixe sabe nadar’. Camilo de Araújo Correia é escritor autónomo, com o seu estilo próprio, onde poderá acaso ecoar longinquamente o de seu Pai, mas sem que esse eco lhe perturbe a originalidade e a vis criadora.”

\* \* \*

Existem múltiplas referências a Vila Real na obra de Camilo de Araújo Correia. O seu Pai, João de Araújo Correia, comunicou-lhe a paixão por esta terra. Por outro lado, em meados da década de 1940, Camilo de Araújo Correia frequentou o Liceu de Vila Real, onde concluiu o 7º ano e onde recolheu vivências duradouras. Contrariamente a Lamego (cujo Liceu também frequentou), onde, segundo diz, “era mais frequente ver passar um cónego do que um automóvel”, em Vila Real existia uma “disciplina intuitiva” e uma alegria que o “soltaram” e o contagiaram. Aqui teve um conjunto de professores que lhe ajudaram a formar a consciência e o marcaram, com realce para Óscar Lopes, professor de Filosofia. Conserva aqui amigos de diferentes gerações.

Eis algumas referências na sua obra a personalidades vila-realenses.

Em Médicos, doentes e outras gentes, no texto “À boca da noite”, destaca o Dr. Sampaio e Melo, de quem lembra algumas das melhores histórias.

Em Quarenta anos de gás – 1955-1995, conta como foi, no seu consultório de clínica geral na Régua, convidado pelo Dr. Otílio Figueiredo para anestesista da Casa de Saúde de Vila Real, onde o Prof. Bissaya Barreto vinha operar de 15 em 15 dias, e lembra o argumento definitivo que, face à sua relutância em aceitar, o Dr. Otílio Figueiredo usa: ter sido discípulo do Prof. Bissaya Barreto e, segundo o juramento hipocrático, “... servirás sempre o teu Mestre... ”.

Em Coimbra minha, refere-se, na crónica “Cinquenta anos de juízo”, ao guitarrista vila-realense Paulo Vaz de Carvalho, o Paulinho da Viola, que a certa altura aparece a acompanhar o médico Manuel Louzã Henriques, num



momento de poesia durante as comemorações do 50º aniversário da República Palácio da Loucura.

Muitos outros vila-realenses são por certo referidos no mais de um milhar de crónicas que tem publicado desde 1978 no jornal O Arrais.

Mas há igualmente referências a Vila Real e seus arredores.

O Livro de Andanças é uma colectânea de memórias de viagens que fez um pouco por todo o mundo, e particularmente em Portugal, “a passo miudinho”, como quem quer abarcar tudo o que há digno de se ver. Foi, diz ele, “escrito à mesa dos cafés, na insónia dos hotéis ou ditados à minha mulher, ao volante do automóvel”. É neste livro que melhor dá a conhecer a sua relação com Vila Real, como por exemplo no texto “Em redor de Vila Real”, onde conta como, num Sábado de Aleluia, depois da passagem obrigatória pela Pastelaria Gomes e pela Rua Direita, e de um almoço fora de portas, visita Panóias e Lamas de Olo.

Em relação a Lamas de Olo (é preciso ver que os factos se passam nos primeiros tempos da criação do Parque Natural do Alvão) apercebe-se de terem sido cometidas agressões à arquitectura tradicional. “O cimento já dói aqui e além, e o metal reluz na pedra velha como dente d’ouro em boca de brasileiro”.

Na 2ª edição deste livro, na crónica “São Miguel”, diz que esta é uma ilha imaculada que lhe lembra Vila Real antes do cimento, pelas suas “ruas antigas com as suas casas de varandas floridas”.

Em No centenário do nascimento de João de Araújo Correia, recorda, no capítulo “Aplaudir e agradecer”, a visita dos participantes numas Jornadas Camilianas, de Vila Real, à casa onde seu Pai viveu e escreveu a maior parte das suas obras e onde foi então colocada uma lápide. Nesse mesmo livro, no capítulo “No Ateneu Comercial do Porto”, recorda a alegria contagiante dos vila-realenses, o hábito de frequentarem tascas e cafés e a circunstância de que “Vila Real nunca se deitava de todo. Havia sempre alguém a regressar de



uma ceia prolongada, de uma banca de jogo ou de um portal entreaberto...”. Nasceu em 28 de Julho de 1925, na cidade do Porto, mas de pais trasmontanos: o médico-escritor João de Araújo Correia, natural de Canelas do Douro, e Dona Maria da Luz de Matos Silva, natural de Poiães, de cujo matrimónio houve ainda mais cinco filhos: Maria da Soledade, Rosa, Maria Emília, João Maria e Maria Virgínia. Desde muito novo vem residir para a Régua, onde inicia os estudos e completa o primeiro ciclo do liceu. Prossegue os estudos no Liceu de Lamego e depois no de Vila Real, onde termina o curso liceal. Feito o exame de aptidão, matriculou-se na Faculdade de Medicina de Coimbra, onde concluiu a sua formatura em 5 de Dezembro de 1953.

Durante a sua permanência em Coimbra, Camilo de Araújo Correia viveu na república *Palácio da Loucura*, na Alta. Foram seus companheiros de república, entre outros, Augusto Camacho, célebre cantor e autor de fados de Coimbra, e Herberto Helder, que viria a afirmar-se como figura cimeira da poesia portuguesa. Foi nesse ambiente que despertou o seu gosto pela literatura, que exercitou através da colaboração nos jornais académicos *Briosa*, *Pagode* e *Via Latina*.

A sua vida seria porém consagrada antes de tudo à medicina, só se dedicando à escrita nas horas que aquela lhe deixa livres, repetindo o que acontecia com seu Pai. “Quis o destino que viesse também a escrever histórias em tempo sobrado de ver doentes”, escreve ele algures. Foi durante muitos anos anestesista nos Hospitais da Régua e Lamego, tendo neste último chegado a Chefe de Serviço. Exerceu clínica até 1990, ano em que optou pela dedicação exclusiva hospitalar.

Mobilizado para prestar serviço militar em Moçambique, em 1961, exerceu funções de anestesista do Hospital Militar 338, destinado a Porto Amélia, de que veio a ser director, merecendo um louvor do General Comandante da Região Militar de Moçambique pelos seus serviços médico-sociais e relacionamento com outras unidades lá aquarteladas. Ainda em Moçambique desenvolveu forte actividade de dinamização cultural.

Embora Camilo de Araújo Correia, como vimos, tenha começado a escrever e a publicar artigos na imprensa académica coimbrã relativamente cedo, pelos anos 50 do século passado, só bastante tarde publicou o primeiro livro. Trata-se de *Elogio do Dr. António da Fonseca Almeida* (1987), um opúsculo de carácter biográfico relativo a um colega de profissão.

A escrita de Camilo de Araújo Correia reflecte de maneira consistente as suas vivências pessoais, que constituem por assim dizer a sua primeira fonte de inspiração.

Vejamos:

Uma das suas paixões de sempre foi viajar, podendo-se dizer que conhece meio mundo (grande parte da Europa, Médio Oriente, África, Estados Unidos, Brasil...). Do que vê e sente nos lugares que visita deixa-nos as suas impressões no *Livro de Andanças* (saído em primeira edição em 1991 e





em segunda edição em 2003).

A sua experiência do ambiente estudantil de Coimbra está vertida em dois livros de evocações, *Coimbra minha* (1989) e *Coimbra outra vez* (1998).

A sua vida profissional de médico anestesista deu azo a um opúsculo delicioso, intitulado *Quarenta anos de gás – 1955-1995* (1999). Em boa verdade, quer nas suas crónicas, quer nos seus contos, é constante a utilização de material arrancado à sua vida clínica.

Contista de grande mérito, capaz de fazer um conto de um qualquer fait-divers passado à sua frente ou no seu consultório. Publicou, no género, *Histórias na palma da mão* (1987) e *Histórias do fim do ano* (2001). *Médicos, doentes e outras gentes* (1996) é um pouco um híbrido de conto e crónica, como são os dois livros que dedica a Coimbra e bem assim muitas das crónicas.

Mas, se há que fazer uma distinção, diremos que é sobretudo como cronista que cativa os seus leitores assíduos e fiéis. Desde a fundação em 1978 de *O Arrais*, semanário reguense, que nele vem publicando saborosas crónicas, a propósito de tudo e mais alguma coisa: o espectáculo social, as reviravoltas da política, o vasculhar na arca da memória. Camilo de Araújo Correia reúne em si muitas das qualidades essenciais ao cultivador do género: cultura geral vasta, bom conhecimento do mundo, memória, elegância, bonomia, atenção ao que se passa em volta, capacidade de interpretar os sinais dos tempos, capacidade de síntese, bom senso, bom gosto e muito humor.

Consequentemente, as suas crónicas são geralmente amenas e muitas vezes repassadas de humor, que chega a ser mordaz. O livro *Crónicas do meu vagar* (2005) colige largas dezenas de textos do género.

Camilo de Araújo Correia publicou ainda *Na rota do sal* (conferência, 1992), *No centenário do nascimento de João de Araújo Correia* (conferência, 2000), *Porta com porta. Medicina e literatura* (conferência, 2001) e *A prisão de cristal* (teatro, 2003). No seu conjunto é uma obra valiosa, que nos deixa a impressão de que o podia ser ainda mais, assim o Autor se tivesse podido dedicar a tempo inteiro à escrita. Terminamos com uma citação que nos parece especialmente oportuna: "Camilo de Araújo Correia é escritor fino, feito no convívio com seu Pai, o saudoso João de Araújo Correia, de quem herdou a veia. Mas nada mais redutor do que aplicar aqui aquele detestável anexim 'Filho de peixe sabe nadar'. Camilo de Araújo Correia é escritor autónomo, com o seu estilo próprio, onde poderá acaso ecoar longinquamente o de seu Pai, mas sem que esse eco lhe perturbe a originalidade e a vis criadora."

\* \* \*





Existem múltiplas referências a Vila Real na obra de Camilo de Araújo Correia. O seu Pai, João de Araújo Correia, comunicou-lhe a paixão por esta terra. Por outro lado, em meados da década de 1940, Camilo de Araújo Correia frequentou o Liceu de Vila Real, onde concluiu o 7º ano e onde recolheu vivências duradouras. Contrariamente a Lamego (cujo Liceu também frequentou), onde, segundo diz, “era mais frequente ver passar um cónego do que um automóvel”, em Vila Real existia uma “disciplina intuitiva” e uma alegria que o “soltaram” e o contagiaram. Aqui teve um conjunto de professores que lhe ajudaram a formar a consciência e o marcaram, com realce para Óscar Lopes, professor de Filosofia. Conserva aqui amigos de diferentes gerações.

Eis algumas referências na sua obra a personalidades vila-realenses.

Em *Médicos, doentes e outras gentes*, no texto “À boca da noite”, destaca o Dr. Sampaio e Melo, de quem lembra algumas das melhores histórias.

Em *Quarenta anos de gás – 1955-1995*, conta como foi, no seu consultório de clínica geral na Régua, convidado pelo Dr. Otílio Figueiredo para anestesista da Casa de Saúde de Vila Real, onde o Prof. Bissaya Barreto vinha operar de 15 em 15 dias, e lembra o argumento definitivo que, face à sua relutância em aceitar, o Dr. Otílio Figueiredo usa: ter sido discípulo do Prof. Bissaya Barreto e, segundo o juramento hipocrático, “... servirás sempre o teu Mestre... ”.

Em *Coimbra minha*, refere-se, na crónica “Cinquenta anos de juízo”, ao guitarrista vila-realense Paulo Vaz de Carvalho, o Paulinho da Viola, que a certa altura aparece a acompanhar o médico Manuel Louzã Henriques, num momento de poesia durante as comemorações do 50º aniversário da República Palácio da Loucura.

Muitos outros vila-realenses são por certo referidos no mais de um milhar de crónicas que tem publicado desde 1978 no jornal *O Arrais*.

Mas há igualmente referências a Vila Real e seus arredores.

O *Livro de Andanças* é uma colectânea de memórias de viagens que fez um pouco por todo o mundo, e particularmente em Portugal, “a passo miudinho”, como quem quer abarcar tudo o que há digno de se ver. Foi, diz ele, “escrito à mesa dos cafés, na insónia dos hotéis ou ditados à minha mulher, ao volante do automóvel”. É neste livro que melhor dá a conhecer a sua relação com Vila Real, como por exemplo no texto “Em redor de Vila Real”, onde conta como, num Sábado de Aleluia, depois da passagem obrigatória pela Pastelaria Gomes e pela Rua Direita, e de um almoço fora de portas, visita Panóias e Lamas de Olo.

Em relação a Lamas de Olo (é preciso ver que os factos se passam nos primeiros tempos da criação do Parque Natural do Alvão) apercebe-se de terem sido cometidas agressões à arquitectura tradicional. “O cimento já dói aqui e além, e o metal reluz na pedra velha como dente d’ouro em boca de brasileiro”.







Na 2ª edição deste livro, na crónica “São Miguel”, diz que esta é uma ilha imaculada que lhe lembra Vila Real antes do cimento, pelas suas “ruas antigas com as suas casas de varandas floridas”.

Em *No centenário do nascimento de João de Araújo Correia*, recorda, no capítulo “Aplaudir e agradecer”, a visita dos participantes numas Jornadas Camilianas, de Vila Real, à casa onde seu Pai viveu e escreveu a maior parte das suas obras e onde foi então colocada uma lápide. Nesse mesmo livro, no capítulo “No Ateneu Comercial do Porto”, recorda a alegria contagiante dos vila-realenses, o hábito de frequentarem tascas e cafés e a circunstância de que “Vila Real nunca se deitava de todo. Havia sempre alguém a regressar de uma ceia prolongada, de uma banca de jogo ou de um portal entreaberto...”.

